



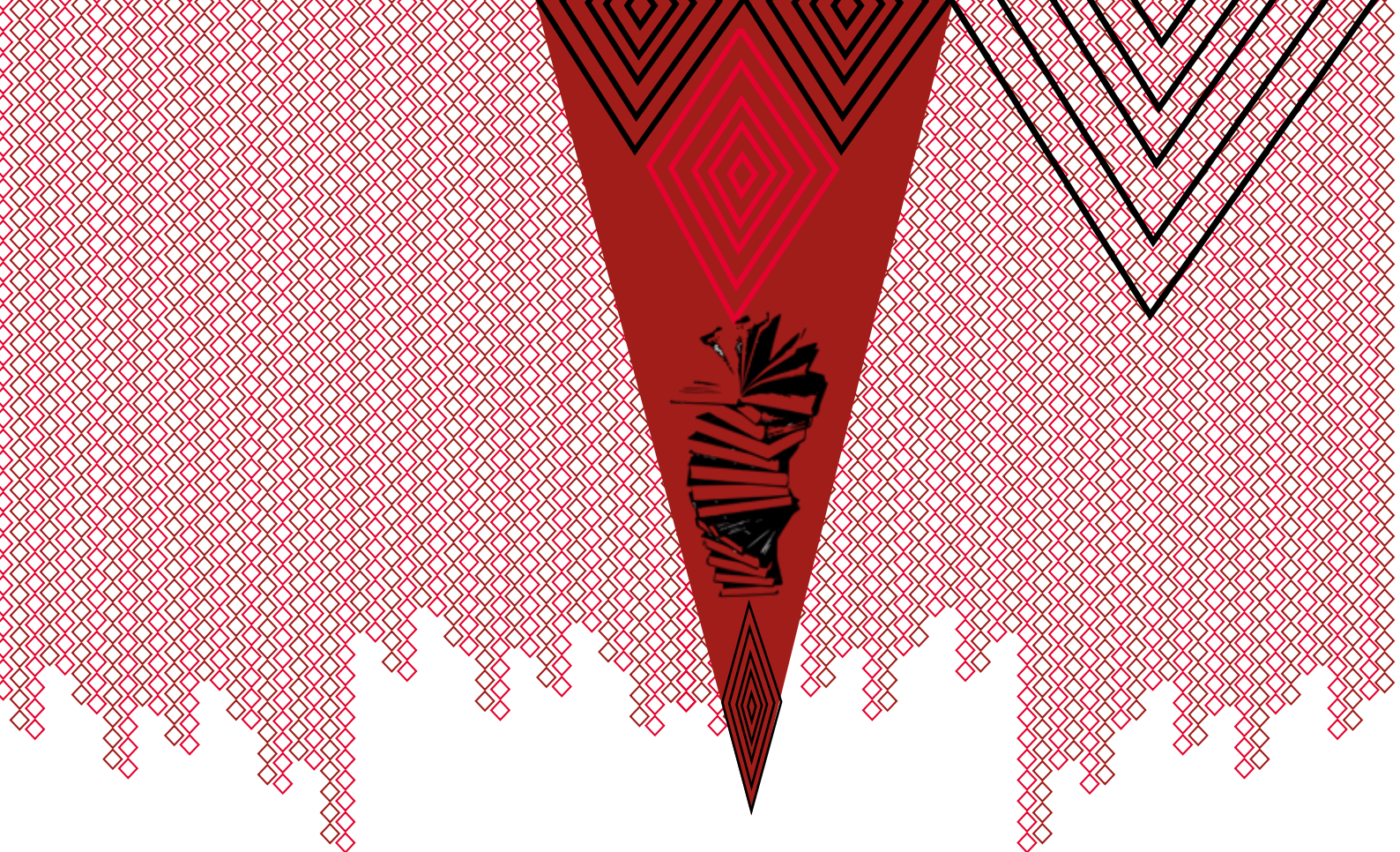
Ilustração: IA / Cassiana Palma Cominato

O Hip-Hop como ferramenta antirracista

Aline Juliano Francisco de Carvalho

EMEF Ayrton Oliveira Sampaio

EMEF Constelação do Índio – DRE Capela do Socorro



Quando iniciei minha jornada docente como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na SME, em duas Unidades Educacionais no extremo Sul de São Paulo, Grajaú, o ano era 2018 e naquela época explodiam no território as chamadas batalhas de rimas. Nessa ocasião, dois MCs (Mestres de Cerimônias) duelavam entre si por meio de rimas, e não eram simplesmente palavras soltas ao vento, existia um tema a ser tratado, as combinações de palavras eram altamente elaboradas e expressavam figuras de linguagem e fonética atrativa ao público. Além de seguir o ritmo musical de algum beat (base instrumental de uma música). O ringue dessa batalha era o palco e vencia aquele que melhor soubesse fazer uma combinação complexa entre ideia, palavra, sonoridade e sentido.

Algumas vezes, ao entrar em sala de aula, conversando com as turmas, descobri uma série de seus interesses, dentre eles a batalha de rimas estava presente. Neste momento, entendi que poderia usar este rico instrumento para ensinar sobre diversos aspectos da Língua Portuguesa, bem como levá-los a refletir sobre as questões étnico-raciais no Brasil, tudo isso a fim de implementar na minha prática docente a Lei nº 10.639/2003. Além de considerar as diretrizes do Currículo da Cidade, que visam ofertar processos educativos que consideram as características dos estudantes, contextos e significados efetivos em suas vidas.

Antes de iniciarmos nossas batalhas, começamos a falar sobre o conceito de racismo estrutural, por intermédio dos escritos do professor Silvio Almeida, e identificamos no nosso dia a dia, no mercado, no hospital, na escola

e na forma com que a sociedade está disposta as marcas de um racismo, tão normalizado nas ações usuais, que, muitas vezes, não o notamos e, por isso mesmo, ele se perpetua por gerações. Verificamos a importância de estarmos mais atentos à desconstrução de certos padrões de comportamentos, vocabulários e ideias que criamos em relação às pessoas pretas no Brasil. Posteriormente, escrevemos na lousa algumas palavras que estavam relacionadas ao tema. Ao terminarmos a primeira parte da atividade, os estudantes escolheram uma base musical, e dois voluntários decidiram iniciar esse desafio. Foi maravilhoso, marcante e significativo para mim e para eles.

Após a realização desse trabalho coletivo, que se estende até os dias atuais, entendi que a cultura HIP-HOP está bastante presente no dia a dia dos estudantes, principalmente dos que vivem na periferia, lugar de origem e fomento desse movimento tão rico. Para dar continuidade ao projeto, decidi fazer um novo percurso, o de trazer letras de **RAP** (*Rhythm and Poetry*) muito conhecidas por eles e, a partir disso, trabalhar conceitos como o empoderamento, a luta antirracista, o combate ao genocídio da população negra, personalidades pretas invisibilizadas ao longo da história e a diáspora africana.

Durante as aulas, ao escutarem as letras das músicas e ao interpretá-las, os estudantes notaram que, muitas vezes, foram apresentados a algumas daquelas canções ainda quando crianças, eles sabiam as letras de cor, mas não entendiam qual a mensagem que elas de fato desejavam passar, foi como se um novo mundo abrisse no momento em que fomos decodificando rimas, referências históricas e estabelecendo relações semióticas ali presentes.

Essas experiências aqui relatadas tornaram-se muito relevantes na minha prática diária enquanto docente, pois, por intermédio delas, transgriro uma educação bancária e pouco reflexiva. É também por meio dessa educação que, junto com os estudantes, descolonizo a forma de pensar e fazer educação, além de viabilizar meios para que eles se visualizem como protagonistas e produtores de conhecimento.

Por fim, acredito que essas ações são movidas por duas ideias principais, as de **Sankofa** e **Ubuntu**. Sankofa significa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. Quando esses estudantes se voltam para o HIP-HOP através do Rap aprendem com grandes mestres sobre como podemos e devemos registrar a nossa História partindo do nosso ponto de vista e das nossas percepções sobre a sociedade, assim conseguiremos traçar caminhos que nos levem a um hoje e para um amanhã mais consciente. Já Ubuntu significa “eu sou porque nós somos”, ou seja, só avançaremos nas aprendizagens e formaremos cidadãos prósperos à medida que nos responsabilizarmos pela construção de uma educação transdisciplinar, essa transformará pessoas que transformarão o mundo.



Referências

SÃO PAULO (Município). **Currículo da Cidade de São Paulo**: Ensino Fundamental: componente curricular: Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2019.

SÃO PAULO (Município). **Currículo da Cidade de São Paulo**: Ensino Fundamental: componente curricular: Língua Inglesa. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2019.

DIAS, Cristiane Correia. **A pedagogia hip-hop**: consciência, resistência e saberes em luta. São Paulo: Appris, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RACIONAIS MC'S: Sobreviventes no inferno, 1997. 1 vídeo (78 min). Publicado pelo Canal HipHop Library. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVQ3YYnic2o>. Acesso em: 09 maio 2022.

CRIOLO: Nó na orelha, 2011. 1 vídeo (39 min). Publicado pelo canal NostalgicRap Discografias. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=criolo+no+na+orelha. Acesso em: 09 maio 2022.

MC SOFFIA: Menina pretinha, 2016. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo>. Acesso em: 10 maio 2022.

MULHERES negras: Yzalú no estúdio Show Livre, 2016. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6p9cthjMa4>. Acesso em: 10 maio 2022.